

# SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E LITERATURA AFROFEMININA: REFLEXÕES EM TORNO DAS EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE DE JOVENS NEGRAS A PARTIR DE *ESCREVIVÊNCIAS* AFROFEMININAS.

Amanda Crispim Ferreira (PG-UEL/CAPES)

Débora Maria Proença (SEED/PR)

## RESUMO

Sabe-se que discutir sobre sexualidade na adolescência, apesar de necessária, não é tarefa fácil. Percebe-se que ainda há um “tabu” a respeito do assunto em nossa sociedade e a consequência são jovens cada vez mais despreparadas, e por isso, desrespeitadas em suas sexualidades. A escola, está ainda pouco apta para discutir esse assunto, mesmo sendo o espaço, no qual essas adolescentes expressam suas sexualidades e forjam as suas primeiras experiências. Às meninas e meninos são impostos uma série de estereótipos, como o da “mulher gostosa” ou o do “homem pegador”. Neste contexto, todos são prejudicados, contudo, percebe-se que as meninas negras, por não se encaixarem nos padrões de beleza que moldam nossa sociedade e por medo de rejeição acabam submetendo-se à envolvimentos desastrosos que marcam negativamente suas histórias e dificultam o processo de autodescoberta. Diante deste contexto, a proposta deste trabalho é refletir sobre a sexualidade na adolescência a partir da escrita de mulheres negras. Pretendemos mostrar como a escrita afrofeminina pode interferir e auxiliar professores/as e alunos/as nesta discussão tão necessária para a construção de personalidades fortes e conscientes, capazes de libertarem-se de estereótipos e aprofundarem-se na busca do que é verdadeiro em cada uma, fortalecendo as identidades.

Palavras-chave: sexualidade; adolescência; literatura afrofeminina;

A adolescência é a protagonista de rupturas e mudanças na vida de um/a<sup>1</sup> adolescente. Vivencia-se nessa fase, etapas que levam não só a busca de si mesmo, mas de identidades: de gênero, de grupo, da família, social, cultural, étnica, e sexual. Essas diferentes identidades perpassam por valores coletivos que se entrelaçam com as características de cada pessoa, ou seja, as “identidades” são construídas pelo meio cultural e social que o/a adolescente insere-se. As transformações se manifestam na linguagem, no jeito de vestir e de relacionar-se com outros e na maneira de posicionar-se frente as mais diversas dificuldades e problemas que a vida oferece gratuitamente.

---

<sup>1</sup> Em determinadas marcas do texto, usaremos a anotação o/a, como marca identificadora de estilo de linguagem que manifesta nosso posicionamento político de defesa de igualdade do gênero feminino na linguagem em relação à sobreposição histórica do gênero masculino. Não empregaremos em todas as situações possíveis, como gostaríamos, porque o uso apenas pontual favorece o princípio de “limpeza” do texto, defendido por estudiosos da leitura e produção textual, e porque muitos integrantes da comunidade acadêmica não assimilaram esse uso que já se disseminou nos textos produzidos em diversos ambientes sociais – por exemplo, a administração pública, mas que ainda apresenta resistência no meio acadêmico.



É certo que, nessa fase as identidades não são estáveis, mudam com o tempo e também com as transformações ocorridas no âmbito pessoal e coletivo, sendo a/o adolescente protagonista dessas vicissitudes. Dentre as diversas modificações, destaca-se a aparência física, pois o corpo “[...] é uma construção cultural, sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas, grupos sociais, étnicos” (GOELLNER et al, 2008, p. 24). Ou seja, o corpo não só revela as mudanças ocorridas, como também agrega sentidos e valores que exprimem as identidades e diferenças no e do olhar de cada jovem sobre si e sobre o outro, começando o despertar da sexualidade para o desejo e as sensações que afloram nos relacionamentos afetivos.

Das questões iminentes ao corpo adolescente, destaca-se a valorização do corpo disseminado por imagens e discursos que apresentam corpos e produtos – habitualmente brancos, magros – e constroem significados positivados sobre estes, deixando os outros corpos sem representatividade significativa nestes espaços. Dessa forma o corpo da menina negra recebe classificações e atribuições que na maioria das vezes é desvalorizado – seu cabelo, sua boca, seu nariz, sua pele.

No campo das representações e da beleza, fica evidente a relação entre racismo e representações excludentes nas mídias, nas quais se verifica uma “loirização” de mulheres, causando assim uma desidentificação das outras mulheres e o estabelecimento de um ideal de beleza distante da realidade destas. (CARNEIRO E FERREIRA, 2014, p. 1428).

Em nossa cultura, há uma padronização social do corpo e da beleza, causando um certo terror estético àquelas meninas que não se encaixam nas representações das categorias de beleza feminina. As repercussões subjetivas dessas meninas implicam no comportamento da sua sexualidade, onde as atitudes e linguagem corpórea vão internalizando o curso de cada história, construindo e revelando nos gestos, nas emoções, nas dores do cotidiano de cada uma marcas positivas ou não a cada experiência.

O culto à beleza define o modelo a ser seguido, ignorando aspectos como peso, altura, diversidade étnica direcionando mecanismos de regulação e padronização social, ou seja, a beleza feminina molda-se em aspectos que negam muitas vezes a cor da pele, o cabelo crespo e enrolado, disseminam imagens e discursos que enaltecem um tipo de corpo – o branco e esbelto, deixando os outros corpos sem representação significativa. A valorização de um modelo único de beleza que não considera as categorias de raça aponta uma opressão vivenciada pelas meninas negras em suas experiências no grupo e nas relações afetivas.

Muito além dos enfrentamentos acerca do olhar sobre a beleza, as meninas negras também enfrentam o racismo e sexismo no cotidiano escolar, ainda não compreenderam de fato as transgressões sofridas pelos/as colegas que tratam com naturalidade as “brincadeiras” e ações frente ao público negro feminino. Experimentam relações afetivas que nem sempre correspondem ao sentimento que esperam receber do outro, pois o outro esconde o relacionamento porque não quer ser que saibam que “ficou” com um menina negra.

Sujeitam-se também a amizades com as colegas para pertencer ao grupo, ser uma *BFF* (que na gíria adolescente significa *best friend forever*), mesmo não participando dos encontros e interações sociais da turma, simplesmente por ser uma adolescente com cabelo crespo, pele escura e não ter um calça da marca *Mulher Elástica*.



Esse comportamento preconceituoso velado atinge não só as relações afetivas da sexualidade adolescente, mas as interações de amizade necessárias ao adolescente.

Esses apontamentos notórios no âmbito escolar indicam como é urgente a necessidade de práticas e ações pedagógicas que oportunizem discussões, reflexões e apontamentos acerca das sexualidades *da adolescente*. Problematicar em sala de aula as relações de poder em torno das oposições binárias, como, por exemplo homem/ mulher; magra/ gorda; bonita/feia; pobre/rica; branca/negra; homossexual/heterossexual, são formas de pensar as identidades e as diferenças como construções que não são estáveis, mas são produções culturais e sociais que tem significados e sentidos nas diferentes instituições.

Diante do exposto, a proposta deste trabalho é mostrar para o corpo docente a escrita de mulheres negras e como encontrarão na escrita afrofeminina sentidos e significados que poderão modificar a forma de “ler” o corpo e suas transformações, bem como “ler” as diferentes instâncias e práticas culturais que implicam na produção de significado que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem as pessoas.

## 1. A LITERATURA AFROFEMININA E A SEXUALIDADE DAS MULHERES NEGRAS

Antonio Candido afirmou em *A literatura e a formação do homem* (1972) que a função da Literatura está muito além de um mero entretenimento, mas ela nos forma, humaniza “A literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver.” (CANDIDO, 1972, p.806). Ela nos possibilita acessar outras realidades e também compreender o que está dentro de nós. Por meio dela, podemos ir além daquilo que nos é apresentado, conhecer o outro e a nós mesmos.

A afirmação de Candido dá poder ao texto literário, como se ele fosse capaz de transformar contextos, trajetórias, destinos. Apoiando-nos nessa colocação, reconhecemos as escrevivências das mulheres negras como uma ferramenta possível neste processo de compreensão das sexualidades das adolescentes negras, pois, ao observarmos esses textos nos encontramos com narrativas semelhantes às das nossas alunas. Cremos também que o contato com essa escritura poderá ajudar essas jovens a lidarem de maneira positiva e saudável com suas sexualidades, a se conhecerem, a fortalecerem suas autoestima e identidades, porque entendemos que personagem e leitor podem de alguma maneira, ajudarem-se. Sabe-se que grande parte dessas alunas não tem com quem confidenciar suas angústias, não tem com quem se orientar a respeito das transformações da adolescência, sobre o racismo e o machismo presentes em nossa sociedade e cremos que o encontro com essa escritura possibilitará esse momento.

Ao lermos os textos da Literatura afrofeminina, nos deparamos com uma escritura que não deseja ser neutra, mas apresenta-se negra e feminina, preocupando-se em incomodar seus leitores e levando-os a questionar o que nos foi e é apresentado. Tal movimento é importante, pois é sabido que a História Oficial, ou a história contada nos livros, foi construída por meio da narrativa dos vencedores, excluindo-se a dos vencidos. Ou seja, nossa história foi manipulada e nossa sociedade foi criada á luz desse pensamento dominante, em que mulheres, negros, pobres, homossexuais, entre outras minorias, tiveram suas vozes abafadas. Assim, nossos pais foram educados sob esta perspec



tiva, nós também fomos, e precisamos impedir que nossos filhos se formem acreditando que vivemos em um país de iguais, um país harmonioso, e que reproduzam discursos falsos enraizados em nossa sociedade.

Neste sentido, o estudo de pensamentos questionadores dessa hegemonia se faz necessário e urgente, para que ajudemos as adolescentes construírem uma posição crítica acerca da História e das relações sociais, a se encontrarem e se imporem na sociedade, desestabilizando os valores que, antes, eram inquestionáveis, como os padrões de beleza e os estereótipos a respeito da sexualidade da mulher negra.

Pensar a escrita afro-feminina é pensar um movimento, em um ato de resistência. Acredita-se que teve seu início em 1859, com a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Acreditamos que não se pode negar que, provavelmente, outras mulheres negras escreveram antes de Firmina, mas não temos notícia, visto que no século XIX, era, praticamente, impossível uma mulher poder escrever em um jornal ou publicar um livro. Um exemplo claro dessa situação, é o próprio *Úrsula*, que foi lançado sob o pseudônimo de “uma maranhense”. O romance aborda não só a questão feminina, mas também a negra, por fazer a forte crítica ao patriarcado e também uma denúncia do tráfico negreiro. Assim, tal obra é um marco, que empenhou-se em “destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo” (ZOLIN, 2009, p.329).

*Úrsula* inaugurou a presença da mulher negra na Literatura Brasileira como sujeito de sua história, porém, enquanto objeto, ou seja, personagem, esta já visitava os espaços literários brasileiros desde Gregório de Matos. Neste momento, a representação da mulher, ou melhor, da mulher negra, pelas lentes do poeta brasileiro, apresentava uma visão estereotipada (dócil, destituído de vontade, de voz e como objeto manipulável) e zoomorfizada (bicho fera, besta domesticado), nunca humanizada. Representação que era comum no imaginário brasileiro, efeitos do período da escravidão, no qual o negro não era considerado pessoa e o corpo da mulher negra era constantemente violentado ou para o sexo ou para o trabalho.

Assim como Gregório de Matos, outros nomes de nossa Literatura reforçaram essa visão, como José de Alencar, com suas “morenas ardentes” e “escravas dóceis e manipuláveis”, Aluísio de Azevedo, com suas Ritas Bahianas e Bertolezas, Jorge Amado, com suas Gabrielas, Terezas Batistas, Tietas do Agreste, e tantas outras mulatas assanhadas, objetos sexuais de homens brancos, escravas boas, negras estereis ou como disse Eduardo de Assis Duarte (2010) “mulheres marcadas” de nossa Literatura. As estereotipias culminam com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre em 1933, em que o autor reforça a ideia, talvez inconscientemente, da mulata boa de cama, e apresenta-nos o mito da “democracia racial”, alegando que a miscigenação em nosso país ocorreu de forma amigável entre negras e portugueses, com relações consentidas por ambas as partes e não por meio da violência do estupro. Sobre a influência da obra de Freyre na composição de tal mito e na realidade atual da mulher negra brasileira, citamos Nascimento (2006):

Transcorridos sessenta anos desde a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, o mito permanece atuante. Sua versão atualizada configura-se, hoje, na mulata tipo exportação, novo produto brasileiro na praça; antes eram exportados açúcar, ouro, café, etc, hoje se exportam corpos: o novo ciclo de comercialização, a mais recente retificação da mulher de cor. (NASCIMENTO, 2006, p.49).



Assim, configurava-se e ainda configura o retrato da mulher negra em nossa Literatura. O objetivo da literatura afrofeminina, portanto, é romper com todos esses estereótipos e propor novas histórias, novos olhares, por meio de novas vozes.

O século XX, mais precisamente a partir da década de 60, abrigou a efervescência dos movimentos sociais no Brasil. Além do movimento dos trabalhadores, o negro e o feminista ganharam força, influenciando nossa sociedade e conseqüentemente nossa Literatura. Dentre as grandes conquistas desses movimentos, o direito a palavra foi um dos mais significativos, já que esta é a maneira que temos para acessar o mundo. A escrita afrofeminina é um elemento comum a esses dois movimentos, negro e feminista, pois aborda a questão étnica e a questão de gênero. Porém, ao propormos este estudo, precisamos refletir sobre quem é a mulher negra, que mesmo sendo o ponto de intersecção entre esses dois grupos, não se encaixa em nenhum deles, pois em nossa sociedade, ser mulher negra reflete um desafio maior do ser mulher branca, ou um homem negro. José Eugênio das Neves (2009) reflete sobre essa questão citando Bonnici:

Verifica-se então que a situação da mulher colonizada é pior do que a do homem na mesma situação, de vez que sofre uma dupla colonização, política e de gênero, complementando o pensamento do autor acima mencionado (Bonnici), acrescentamos que pode haver uma situação ainda mais trágica: uma tripla colonização, que se verifica no caso das mulheres afro-descendentes que vivem em países colonizados. Neste caso, além da dominação política e de gênero, verifica-se ainda outra ligada ao fator étnico (NEVES, 2009, p. 49)

Com o avanço da crítica feminista na década de 80, surgiram várias visões feministas, às vezes até contraditórias, porém todas tinham em comum um ato de resistência em relação ao pensamento machista vigente. Dentre os “vários feminismos”, há aquele que propõe um estudo sobre a mulher pelo viés do pós-colonialismo, ou seja, as mulheres das sociedades periféricas. Lúcia Osana Zolin discute essa questão em seu artigo “A crítica feminista” (2009) citando Spivak (1995), pensadora indiana radicada nos Estados Unidos, que defende um estudo diferente do proposto pelas mulheres de Primeiro Mundo, pois, para ela, este desconsidera a heterogeneidade da mulher do Terceiro Mundo e reproduz discursos imperialistas, tornando-se, na verdade, cúmplices de ideologias racista e imperialistas.

Sueli Carneiro, negra brasileira, também aborda essa questão em seu artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero” (S/D), e ao refletir sobre a militância da mulher negra, propõe um feminismo negro, pois percebe que a resistência da mulher negra se difere da mulher branca:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando



**XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH**  
***Humanidades, Estado e desafios didático-científicos***  
**Londrina, 27 a 29 de julho de 2016**

---

as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.<sup>2</sup> (CARNEIRO, S/D, S/P.)

Por meio dessas afirmações, podemos perceber o perfil dessas mulheres e assim compreendermos melhor a sua escrita. Mulheres que, desprovidas do rótulo de frágeis, sempre tiveram que sair às ruas e trabalhar para prover sozinhas o seu sustento e o de sua família, pois na maioria das vezes, essas não possuem o marido e não tem com quem dividir essa função, rompendo com a tradição patriarcal europeia e retomando a tradição matriarcal africana. Mulheres que tiveram, desde a escravidão, seus direitos negados, como o direito à maternidade, pois naquela época, seus filhos eram posse do senhor de escravos e seu peito era para alimentar os filhos dele e não os seus. Hoje, isso ainda acontece, quando a maioria das mulheres negras ainda precisa deixar seus filhos para cuidar dos filhos das patroas. Outro direito ainda refutado é a posse do próprio corpo, que durante anos serviu ora de “fábrica de novos escravizados” ora de objeto de satisfação sexual do senhor e que por isso, ainda é exposto ou violado. Basta vermos os corpos quase nus que se exibem, com certa naturalidade, na TV e a taxa de mulheres negras estupradas no Brasil.

A Literatura afrofeminina, além de, denunciar essa situação pela qual ainda estão submetidas às mulheres negras, revela quem é esta mulher, que está em constante busca por seus direitos, desde aqueles considerados os mais básicos, como o direito ao pão, à moradia, ao trabalho e até aqueles considerados mais “complexos” como o direito à fala, à maternidade, ao corpo, à sexualidade, ao estudo, à afro-brasilidade, à ancestralidade, à religiosidade, à memória, à poesia, à família, ao amor. São textos que possuem a marca da escrevivência, ou seja, escrita da existência. A escrita é fruto de suas experiências de vida. É resultado daquilo que viveu, viu ou ouviu. É um texto que se posiciona, não é neutro. Tem cor, sexo, posição social. Cito Conceição Evaristo:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço, em que eu vivia a escrita também desde

---

<sup>2</sup> O questionamento de Carneiro continua: Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como anti-musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura. Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde na sua especialidade, porque o mito da democracia racial presente em todas nós torna desnecessário o registro da cor dos pacientes nos formulários da rede pública, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos, por dados de outros países, que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde.



**XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH**  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

---

aquela época, abarcava estas duas possibilidades, fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra.(EVARISTO, 2007,20).

Sendo assim, a escrita afrofeminina procura ressignificar palavras e valores distorcidos pela Literatura canônica. Um exemplo é o poema “Coração tição” da escritora Ana Cruz (1997):

Quero me lambuzar nos mares negros  
Para não me perder,  
Conseguir chegar ao meu destino.

Não quero ser mulata  
Sou afro-brasileira-mineira.  
Bisneta  
De uma princesa de Benguela.

Não serei refém de valores  
Que não me pertencem.  
Quero sentir sempre meu coração  
Como um tição.

Não vou deixar que o mito  
Do fogo entre as pernas iluda e desvie  
Homens e mulheres  
Daqui por diante.

(CRUZ, 1997, p.31)

Ao intitular o seu poema como “Coração tição”, a poetisa renuncia a toda carga pejorativa com que a palavra “tição” se apresenta em nossa sociedade e dá-lhe ares de ternura. Um coração tição é um coração negro e nas estrofes do poema o eu-lírico nos revelará o que isto representa.

Logo na primeira estrofe, o eu-lírico revela sua intenção, amparar-se na cultura negra “para não se perder e conseguir chegar ao seu destino”. Podemos dizer que, o “não se perder” significa não se embranquecer, não se desviar da sua cultura, de seus antepassados e para isso se “lambuzar nos mares negros”. O ato de se lambuzar significa excesso, além do necessário, revelando o intenso desejo do eu-lírico de se “sujar” na memória negra.

“Lambuzada” dos valores negros, renuncia a “valores que não lhe pertencem”, negando tudo o que a sociedade impõe a mulher negra e desejando sentir seu coração, seus sentimentos, sua alma sempre negra, tição. Renuncia também, ao legado de Gilberto Freyre, ao dizer que não quer se mulata. Pois, o termo mulata é estereotipado, pois tal termo vem da palavra mula, animal nascido da mistura de jumento com égua e por isso,



estéril. Essa esterilidade da mulher negra é muito presente na Literatura canônica, pois, na maioria das vezes a personagem mulata não constitui família, aparecendo sempre como um objeto sexual, como dizia o personagem Paulo Honório, em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, as mulheres negras eram boas para trabalhar e as mulatas para fornicar, contudo as brancas que eram para casar. Neste sentido, a mulata remete-se, quase sempre, a negra boa de cama, assanhada, e tantos outros rótulos. Ao negar o termo mulata, o eu-lírico despe-se do estereótipo, para se localizar no tempo e no espaço, afirmando-se afro-brasileira – mineira, e neta de uma Princesa de Benguela. Recupera sua linhagem, que não é a descendência de escravos, mas uma descendência real, assumindo outro legado, o verdadeiro, e não o que a escravidão lhe deixou.

E assim, certa de ter uma linhagem, valores recuperados, e carregar no peito um coração tição, o eu-lírico está seguro, de que não se desviará de sua verdadeira essência.

Acreditamos que, assim como o eu-lírico de Ana Cruz, nossas alunas ao terem contato com essa escritura, também desejarão ter “corações tições”, pois estarão amparadas por “uma verdade” que durante muitos anos elas não tiveram acesso. Como a Literatura canônica e a sociedade sempre as apresentou como objetos sexuais, acabaram assimilando isso. A escrevivência das mulheres negras pode modificar essa visão, pois elas desconstruem estereótipos, renunciam a todas as verdades que lhes foram impostas e “libertam” as novas gerações destas, por meio do questionamento e reconstrução da autoestima. Assim, ao lê-las, nossas alunas podem recuperar o seu passado, lambuzar-se em mares negros, e assumirem o seu reinado em Benguela e em terras brasileiras. Rompem com as Ritas Bahianas e Tietas, e, por meio de uma mudança de atitude, apresentam a sociedade as verdadeiras mulheres negras, seus sentimentos, suas lutas, paixões, conquistas e reivindicações.

## 2. CONTRIBUIÇÕES PARA SALA DE AULA

Acreditamos que a escritura afrofeminina trará empoderamento às meninas negras, pois podem se sentir positivamente representadas nesses textos, diferente do que acontece, na maioria das vezes, na Literatura canônica, quando as mulheres negras são representadas de maneira estereotipadas, como objeto sexual. Nas escrevivências afro-femininas a mulher negra aparece humanizada, uma pessoa que tem sentimentos, que tem uma história, uma família, sonhos, capaz de fazer coisas boas e ruins como qualquer outra. Uma mulher que procura romper com as representações que lhes foram reservadas e buscar a sua essência.

Ademais, cremos que esses textos podem ampliar os conhecimentos do corpo docente que, a partir do saber dessa literatura, poderá elaborar práticas pedagógicas destinadas a discussões e reflexões das várias temáticas que afloram no espaço escolar, que permeiam não apenas questões étnico raciais, mas também representações de corpos, gênero e sexualidades. Além disso, esses saberes contribuirão para discussões e reflexões sobre o sexismo, racismo e tantos outros preconceitos velados e inseridos no âmbito escolar. Além disso, é necessário também uma formação continuada desses/as docentes para ampliar seus saberes acerca da literatura afro-brasileira.

A escrevivência negra-feminina permite-nos conhecer as histórias de autoras que, a partir das próprias narrativas construíram em suas experiências sentidos visíveis para elas mesmas. Essa escritura permite-nos mostrar às adolescentes negras quão im



portante é interpretar e ressignificar as próprias experiências, ato necessário para a construção de personalidades fortes e conscientes, capazes de libertarem-se de estereótipos e aprofundarem-se na busca do que é verdadeiro em cada uma, fortalecendo as suas identidades.

## REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero”. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf> acessado em 22/10/2014 às 19:40hs.

CARNEIRO. Anni de Novais; FERREIRA. Silvia Lúcia. Padrões de beleza, raça e classe: representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador. In. **18º REDOR**. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014, p. 1424-1438. Disponível em <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2136-4601-1-PB.pdf> acesso em 22.04.2016

CRUZ, Ana. **E... feito de Luz**. Niterói: Ykenga Editorial LTDA: 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. In: DUARTE, E.A; DUARTE, C.L; ALEXANDRE, M.M.(orgs). **Falas do outro: literatura gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA; 2010.p.24-37.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

GOELLNER. Silvana Vilodre; FIGUEIRA. Márcia Luiza Machado; JAEGER. Angelita Alice. “A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar”. In. SILVA, Fabiane Ferreira da... [et al.] (Orgs.). **Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências**. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.

NASCIMENTO, Gizêlda.M.do. O negro como Objeto e Sujeito de uma escritura. In: **Cultura afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares** (Caderno Uniafro v.1). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.p.56-68.

NEVES, José Eugênio das. “Esmeralda Ribeiro e Lima Barreto: um diálogo sem segredos”. In: **Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. (Londrina) 17-b (dez) 49-59, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. “Crítica feminista”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana.(orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009. P.217-242.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

---

\_\_\_\_\_. “Literatura de autoria feminina.” In: BONNICI, Thomas; ZOLLIN, Lúcia Osana.(orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009. P. 327-336.